

Bolsonaro ataca acordo entre TSE e WhatsApp



Jair Bolsonaro (PL) em meio a apoiadores na motocicleta desta sexta (15), em São Paulo. Eduardo Knappp/Folhapress

Bolsonaro ataca acordo entre WhatsApp e TSE para eleições e faz ameaças

Presidente participa de motocicleta com tom de campanha eleitoral, que interditou rodovia de São Paulo nesta Sexta-Feira Santa

Bruno B. Soraggi

AMERICANA (SP) O presidente Jair Bolsonaro (PL) atacou o acordo entre o WhatsApp e o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) para que a nova ferramenta do aplicativo que permite grupos com milhares de pessoas só comece a funcionar no Brasil após o segundo turno das eleições.

"E já adianto que isso que o WhatsApp está fazendo no mundo todo, sem problema. Agora, abrir uma exceção para o Brasil, isso é inadmissível e inaceitável", disse Bolsonaro em meio a uma motocicleta, nesta sexta-feira (15), no interior de São Paulo.

"Não vai ser cumprido esse acordo que porventura eles realmente tenham feito com o Brasil com informações que eu tenho até esse momento."

Depois, em discurso em Americana diante de milhares de simpatizantes na cidade e de participantes da motocicleta, o presidente repetiu os ataques ao acordo, falando em "discriminação" e "acordo sem validade".

"Censura, discriminação, isso não existe. Ninguém tira o direito de vocês nem por lei quem dirá por um acordo. Esse acordo não tem validade", disse, ao repetir que todos devem "jogar dentro das quatro linhas" da Constituição. "O Brasil seguirá livre e custe o que custar."

Bolsonaro, porém, não disse como poderia impedir esse acordo, já que se trata de um compromisso entre uma empresa privada e um braço do Poder Judiciário. O caminho legal para o presidente seria o uso da AGU (Advocacia-Geral da União), por exemplo, para recorrer ao próprio TSE.

A fala do presidente se refere ao fato de o WhatsApp ter lançado nesta quinta-feira (14), em estágio experimental, um novo recurso chamado comunidades, que funcionará como um guarda-chuva abrigando vários grupos com milhares de usuários.

Na prática, trata-se de um grande grupo de grupos, que pode ter milhares de membros, com toda a comunicação criptografada. Hoje, cada grupo de WhatsApp tem, no máximo, 256 integrantes. O novo recurso da plataforma estará em teste com alguns usuários nos próximos meses.

Procurado após as declarações do presidente, o WhatsApp disse que não tem nada a comentar sobre o assunto. O TSE também não se pronunciou.

O WhatsApp se comprometeu com o TSE a não estreitar as "comunidades" no Brasil antes do eventual segundo turno da eleição presidencial, marcado para 30 de outubro.

A empresa, porém, não prometeu segurar o lançamento das comunidades entre o segundo turno e a posse presidencial no Brasil.

Nos Estados Unidos, na eleição presidencial de 2020, grande parte da desinformação que culminou na invasão do Capitólio em 6 de janeiro circulou após a votação, principalmente pelo YouTube. No Brasil, o WhatsApp foi o principal veículo de desinformação política na eleição de 2018.

Em entrevista à Folha, Will Cathcart, presidente global do WhatsApp, disse não temer que o "comunidades" signifique um retrocesso na luta contra a desinformação.

"Estamos desenhando o produto de forma cuidadosa, com intencionalidade. Há vários produtos no mercado que não foram pensados com o mesmo cuidado. Conseguiremos oferecer um recurso muito útil para os usuários, ao mesmo tempo em que teremos decisões cautelosas de design para combater desinformação", disse.

A motocicleta com Bolsonaro reuniu milhares de participantes nesta sexta em um trajeto entre a cidade de São Paulo e o município de Americana, a 130 km da capital.

O ato reuniu motociclistas portando bandeiras do Brasil e entoando gritos de apoio ao presidente e interditou a pista sentido interior da rodovia dos Bandeirantes por aproximadamente cinco horas. O ex-ministro Tarcsio de Freitas, pré-candidato ao Governo de SP, também participou.

O governo do estado ainda não divulgou uma estimativa oficial de participantes.

Como o nome de Acelera para Cristo, a motocicleta teve entre seus organizadores o empresário Jackson Vilar, que também se apresentou como o organizador da primeira edição do evento, no ano passado, em São Paulo.

As motocicletas em apoio ao presidente já custaram aos cofres públicos, segundo levantamento divulgado pela Folha a partir de mais de 50 pedidos via Lei de Acesso à Informação. A soma leva em conta as despesas com o cartão de pa-

gamento do governo federal e os gastos assumidos pelos estados para garantir a segurança da população e da comitiva de Bolsonaro.

Para a manifestação desta quinta-feira, a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo afirma que o reforço do policiamento teve um efetivo de mais de 1.900 policiais militares e vai custar de R\$ 1 milhão ao estado.

Os ataques de Bolsonaro ao sistema eleitoral são uma rotina em seu governo. No passado, por exemplo, o presidente afirmou, diversas vezes e sem apresentar provas, que havia vencido as eleições de 2018 no primeiro turno.

A crise institucional de 2021, patrocinada por Bolsonaro, teve início quando o presidente disse que as eleições de 2022 somente seriam realizadas com a implementação do sistema do voto impresso — apesar de essa proposta já ter sido derrubada pela Câmara.

No ano passado, ele também fez uma transmissão ao vivo para apresentar supostas provas que tinha contra a confiabilidade das urnas e que o pleito havia sido fraudado. No entanto, apenas levou teorias que circulam há anos na internet, sem qualquer comprovação.

Naquela live recheada de mentiras, Bolsonaro divulgou documentos de uma investigação sigilosa aberta em 2018 sobre um ataque hacker no sistema do TSE.

Por causa disso, Bolsonaro virou alvo de investigação. A delegada Denisse Ribeiro, da Polícia Federal, já enviou ao ministro Alexandre de Moraes, do STF, a conclusão segundo a qual ocorreu crime na atuação do presidente naquele caso.

Mesmo sem o indiciamento formal, essa foi a primeira vez que a PF imputa crime ao presidente no âmbito das investigações que tramitam sob a relatoria de Moraes.

As declarações de Bolsonaro dos últimos meses interromperam cerca de seis meses de trégua, que até seus aliados mais próximos sabiam que não duraria muito tempo.

A calma vinha desde setembro passado, quando, diante da reação dos Poderes contra suas ameaças golpistas, divulgou uma nota na qual afirmava que não teve "intenção de agredir quaisquer dos Poderes" e atribuiu palavras "contundentes" anteriores ao "calor do momento".

MOTOCIATA EM SP TEVE 3.703 REGISTROS EM PEDÁGIO

A motocicleta desta sexta-feira (15) em São Paulo com o presidente Jair Bolsonaro (PL) em pré-campanha à reeleição reuniu cerca de 3.703 motos, segundo o sistema de monitoramento de pedágios da rodovia dos Bandeirantes.

O sistema registrou a passagem média de 3.703 veículos nas praças de pedágio de Campo Limpo, Itupeva e Sumaré, no momento em que a rodovia estava liberada apenas para as motos do evento e alguns carros de apoio. Na motocicleta do mundo de junho de 2021, foram 6.661 registros de veículos, uma redução agora de 44%.

Bolsonaristas promoveram nas redes sociais o assunto #MaiorMotociclistaDoMundo.

O deputado Eduardo Bolsonaro, filho do presidente, escreveu: "O que vão inventar agora para diminuir a maior motocicleta de um político da história mundial provavelmente?"

Obtidos pela Folha, os dados da AutoBAN foram concedidos pela Artesp (Agência de Transporte do Estado de São Paulo).

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4